

# Entrevista com o músico Tuzé de Abreu, em 12 de Agosto de 2008.



**1. Tuzé, eu gostaria que você falasse da sua trajetória como músico, e em que momento o seu trabalho foi atraído pelo teatro, a dança e o cinema.**

Foi desde o início, praticamente. Eu comecei em casa cantando, tocando um pouquinho e tal, mas quando eu comecei profissionalmente foi na Orquestra de Dança, eu tocava saxofone. Mas, quase que imediatamente, não me lembro nem porque, eu me liguei ao Teatro Vila Velha, eu não me lembro nem por que... Foi assim, já desde o show, por exemplo, Velha Bossa Nova- Nova

Bossa Velha, que eu já fazia um pouco de contra- regragem. No primeiro show individual de Caetano eu já toquei, no primeiro show individual de Gal Costa eu já toquei, eu só não toquei no de Gil e de Bethânia. E depois eles viajaram logo pro Rio, nós ficamos no grupo musical do teatro, no nosso grupo. E a gente não fazia só isso. Eu fui ator de teatro de boneco, eu fazia, mexia levemente, não era o cara principal, com iluminação... Porque lá no Vila Velha todo mundo fazia de tudo, né?! Eu fazia música pra peça... Eu só não fui ator por pouco, eu ia até ser ator, mas acabou que teve um problema lá, a pessoa ficou doente, mas desde aí, eu comecei a mexer, me ligar a teatro. Fiz música pra teatrinho de boneco,

## ◆ Persona

pra várias peças de cordel, de João Augusto. Eu, sozinho, não, quem fazia era o grupo! Eu fazia uma, outro fazia outra, outro fazia outra... Começou daí. Fiz muita música pra teatro e pra dança também. Dança foi mais ou menos assim, no caminho do Vila Velha. Então, foi desde o início mesmo que eu estava ligado, primeiro ao teatro, depois à dança. Cinema foi o que chegou um pouquinho mais tarde.

### 2. Você acha que o fato de compor para uma obra de ficção, em que há uma estrutura prévia de enredo e personagens, limita sua criação?

Não, não limita não, não limita não! É difícil dizer, muita gente me pergunta se eu tenho um método, eu não tenho método nenhum. Claro que eu procuro conhecer... Bom, tenho um método básico, é o seguinte: pro diretor, o cara que tá fazendo a peça, eu sempre digo: “Eu posso fazer a coisa mais bonita do mundo, se

você não quiser, a prioridade é sua”. Aconteceu com o filme “Eu me Lembro”, eu fiz uma música que considerava linda pra uma cena lá do veraneio, ele pulando da ponte e tal, e o diretor não quis. Eu fiquei triste, mas acho que deve ser assim, porque o filme é do diretor, o músico está ali pra ajudar, músico é como um ator, como o câmera, como o fotógrafo... Agora, em geral, os diretores dão liberdade, mas acontecem coisas assim, como aconteceu, ele não quis a música que eu fiz pro veraneio, botou outra. Mas das outras músicas todas ele gostou, menos essa do veraneio, normal. Fiquei um pouco triste,

achava linda, mas é assim mesmo, o interessante é a obra dele. Se alguém falar bem ou falar mal, vai falar bem ou mal dele, não de mim!

### 3. Como foi a sua contribuição musical para o filme “Eu Me Lembro”, de Edgar Navarro?

Eu já fiz música para vários filmes, “Eu me Lembro” foi o último, talvez o mais bem sucedido. Porque o filme, em si, ganhou sete prêmios no Festival de Brasília. “Eu me Lembro” foi interessante, Edgar me chamou porque ele gostou do meu disco, e achou que meu disco, o único que eu tenho lançado, tinha a ver com o que ele pensava do filme. E no disco tem muitas

coisas de reminiscência de infância, tem a voz de meu pai que já morreu, que eu consegui uma gravação, que eu misturo lá no meio das coisas. Então Edgar achou que o meu disco e que o filme dele tinham a ver, e me chamou pra fazer a música. E calhou que



eu tive uma sorte danada, que eu consegui fazer uma música belíssima, que é a música tema, que encantou todo mundo, inclusive a mim! E que Caetano Veloso botou letra, que gostou, então, deu certo. A música tema acrescentou muita coisa ao filme, claro que o filme não é só música, o filme tem qualidades maravilhosas dele próprio, que é independente da música, mas a música tema foi legal, acrescentou bem, deu um “tchan” legal. E fiz outras músicas, a principal foi a música tema, mas fiz outras músicas também, que é a cena da viagem de trem, por exemplo, tem outras,

tem várias: o mágico, o hipnotizador, a mulher que jogou fogo na escada... Várias músicas.

#### 4. Você vê diferenças significativas entre compor para teatro e para cinema? Quais seriam?

Não. Não vejo não. Bom, em geral o teatro é mais pobre, tem menos recursos. Algumas vezes o teatro é ao vivo, por exemplo, eu fiz a trilha de uma peça, lá no Vila Velha ainda, “Ali Babá e os Quarenta Ladrões”, essa aqui eu nunca me esqueço, eram canções com letras de João Augusto, um personagem importantíssimo do teatro baiano, ele me deu as letras, eu fiz as canções, fiz os arranjos e escrevi para um pequeno grupo, do qual eu não participava, mas que tocava ao vivo na peça. Também, recentemente, eu fiz pra Deolindo, “Em Busca do Sonho Perdido”, ele me deu, também, nove letras, eu fiz nove músicas e nove arranjos, e foram tocadas ao vivo na peça, ...Não! Ao vivo não! Cantadas ao vivo, algumas coisas eram playback. Fiz também pra “Assis Valente”, embora tenha muito pouca música original minha, eu fiz a direção musical de “Assis Valente”, trabalhando as músicas do próprio Assis. Fiz arranjos, playbacks pros atores cantarem. Agora, tem duas musiquinhas minhas de passagem, de cenas dramáticas que eu fiz, mas aí foi mais direção musical, quase não teve criação propriamente, criação só nos arranjos.

Mas não vejo não, talvez essas pessoas que fazem mestrado, doutorado... Porque eu adoro

fazer, mas não sou nenhum especialista... Um bom nisso é Luciano Bahia, Luciano Bahia é muito bom! Talvez um especialista, um dos nossos especialistas em música de teatro... Esse sim! Esse está em todas aí! Eu gostaria de fazer mais, mas... é difícil também...

#### 5. Dentre essas experiências de criação, quais você destacaria?

Em quais delas você acredita que a música teve um papel especialmente relevante?

Eu gostei muito do “Ali Babá”, eu gostei de todas, teve uma muita antiga: “A Boa Alma de Setsuan”, uma montagem que Yumara Rodrigues dirigiu... Umas coisas legais! Peças pra dança: “Meia Hora de Amor”; o outro também, “Choque Eletrônico”, que foi um grupo que era de Daniela Mercury, quando ela era dançarina, com a coreografia de Lia Robatto, que eu fiz de parceria com Zeca Freitas. Eu gosto muito dessas músicas. Agora a mais legal, a mais interessante, a mais bonita de todas as músicas, digamos, foi a tema de “Eu me Lembro”. Também ganhei um prêmio outra vez com outra trilha, “A Lenda de Ubirajara”, um filme de André Luiz Oliveira. Todos os trabalhos eu gostei, é difícil dizer qual eu gostei mais, mas, realmente, o tema de “Eu me Lembro” tem certo destaque, o tema, não o trabalho geral, o trabalho geral de todos foi semelhante, mas o tema de “Eu me Lembro”,

realmente, é uma música que eu considero especial, é! Foi, puxa, foi... eu digo que foi o Espírito Santo que mandou, Riachão diz que foi Jesus, “Jesus mandou o samba”... Eu estava estudando flautim quando veio a música toda, toquei no flautim, escrevi e pronto, ficou. Mas só essa música, uma música, não a trilha toda, a trilha toda foi legal, mas semelhante aos outros todos que eu fiz.



## ◆ Persona

Agora, eu adoro! Se eu pudesse, eu só fazia música pra teatro, cinema e dança, principalmente pra cinema, porque cinema tem uma vantagem, porque é tudo em estúdio, não sei se é vantagem, é... não sei se a palavra seria privacidade, não sei que palavra, cinema é mais... o tipo de trabalho que só sai na hora, o teatro tem muito mais coisa, eu não sou contra, não, adoro tudo! No cinema depois que faz, seja lá o que Deus quiser! Teatro não, tem todo dia, passa aquele negócio, vai lá, um dia tá bem, um dia não tá bem... Dança também, adoro fazer música pra dança, nunca mais fiz. Eu tinha muita vontade de fazer uma música pro Balé do TCA, mas aí eu teria que parar, se me chamassem pra fazer isso, eu teria que parar. No momento eu estou numa situação fora do esperado e vai durar uns três anos, porque eu sou segunda flauta aqui na Orquestra da Universidade, mas o primeiro flautista vai passar três anos nos Estados Unidos, já viaja hoje, eu vou ficar sozinho, então eu vou ter que estudar muito, tô mais dedicado à flauta. Tem um lado bom, que eu vou crescer como flautista mas tem um lado ruim, que eu não tô vendo nada. Eu que era famoso aqui na Bahia de ver tudo quanto era peça de teatro, tudo quanto é dança, tudo quanto é show, não tô indo mais a nenhum, nem vi Policarpo Quaresma, não vi nada! Porque quando eu termino de estudar, oito horas, eu já tô cansado, o estudo é exaustivo, eu tô com 60 anos; aí eu fico lendo e vou dormir. Não tô indo... Por exemplo, já recusei alguns trabalhos, a direção de um show sobre a Tropicália, direção musical, eu recusei, eu não podia fazer, que ia ter que me envolver muito. Algumas coisas eu tenho recusado, um negócio de Rock and Roll também que eu ia participar, o pessoal me chamou, mas ia ser uma coisa chata. É aquele negócio, se você assume, tem que forçosamente abandonar outras coisas. E o pior, aqui é o meu emprego, eu não posso! Eu poderia até pedir licença, poderia até me aposentar, mas seria um pouco de sacanagem com a UFBA, porque no momento que estão precisando de mim, eu saio fora, aí vai ter que ficar chamando aluno, não sei quem, fulano... vai ter que pagar cachê... Aí eu tô nesse pequeno drama: eu não tenho tempo pra fazer, adoraria estar fazendo mais coisa. Eu tô com dois filmes aí em frente,

prometidos, agora vamos ver, não sei. Porque também é muito complicado o cinema, por causa da grana... Aí isso demora e tal, mas eu tô com dois filmes prometidos, não quer dizer que vão acontecer, também não posso dizer que não vão, vamos ver! Agora, eu adoro! Se dependesse de mim, se eu pudesse, se eu não tivesse que ganhar dinheiro, e graças a Deus eu tenho condições de ganhar dinheiro, porque eu ganho aqui na Universidade razoavelmente o bastante pra mim, mas se eu não tivesse isso, se não tivesse dois filhos adolescentes, eu deixava, e se tivesse também, se tivesse volume de trabalho, porque também não adiantava deixar de tocar tudo, pra quê? Pra ter um filme amanhã, outro em 2011, uma peça de teatro...? Aí não dá! Porque Luciano Bahia, ele pega, porque ele é funcionário da Escola de Teatro! Então ele tá ali! Ótimo, e ele faz muito bem! Ele é, no momento, talvez o melhor na cidade, então ele tá ali pra isso! Eu adoraria! Se eu pudesse viver só disso, eu seria feliz.

Fernanda Veloso, 16 de Agosto de 2008.